

A Igreja Católica na pandemia

Matheus da Silva Bernardes *

Resumo

Este breve trabalho recolhe algumas reflexões sobre a Igreja Católica durante a pandemia causada pelo novo coronavírus. Não possui nenhuma pretensão de ser um texto conclusivo – ainda há muito para se pensar. Entretanto, destacando dois fatos – a caminhada do Papa Francisco na Praça de São Pedro e os templos fechados – quer refletir sobre a *catolicidade*, isto é, a *universalidade* da Igreja durante a pandemia. A Igreja se empenhou em ser mensageira de esperança aos que mais sofriam e de reconciliação a mundo enfermo? Ou se preocupou muito mais com a manutenção de seu dia-a-dia-, isto é, com as celebrações transmitidas em lives de redes sociais e a arrecadação de recursos para o conservação de sua estrutura? Inevitavelmente, a reflexão se encontra com a agenda eclesiológica do próprio Papa Francisco que tem se esforçado, desde seu primeiro ano de Pontificado, com uma Igreja decididamente missionária, uma Igreja em saída, e não só uma Igreja presa às suas estruturas, uma Igreja de conservação. Como ajuda teórica, optou-se por um exame do que autores relevantes do pós-Concílio entendem por *catolicidade*; serão examinados textos de H. Küng, J. Moltmann e J. Sobrino.

Palavras-chave: Eclesiologia. Pandemia. Catolicidade. Papa Francisco.

* Presbítero da Arquidiocese de Campinas/ SP. Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – São Paulo/ SP. Atualmente, aluno do programa de doutorado da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Belo Horizonte/ MG e professor da Faculdade de Teologia da PUC-Campinas (matheus.bernardes@puc-campinas.edu.br). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Abstract

This brief paper summarizes some thoughts over the Catholic Church during the pandemic caused by the new coronavirus. It has no pretension to be a conclusive text – there is still a lot to be reflected. Remarking two facts – the walk of Pope Francis on St. Peter Square and the closed temples – it intends to think on the *catholicity*, it means, the *universality* of the Church during the pandemic. Has the Church tried to proclaim a message of hope to those who suffered and of reconciliation to a sick world? Or has the Church been concerned to maintain her daily schedule by broadcasting celebrations on social medias and figuring out how to save resources to preserve her structure? These thoughts coincide with Pope Francis' ecclesial agenda who has stressed, since his first year of Pontificate, a decidedly missionary Church, an outreaching Church, instead a Church stuck by her structures, a conservation Church. As theoretic help this paper will undertake an exam of what relevant post-conciliar authors have understood about the *catholicity*. H. Küng's, J. Moltmann's and J. Sobrino's texts will be studied.

Keywords: Ecclesiology. Pandemic. Catholicity. Pope Francis.

Introdução

Muito tem se debatido sobre o que será da Igreja Católica depois que a pandemia provocada pelo novo coronavírus tiver passado. Contudo, devemos ser sinceros: o debate não se dirige só à Igreja Católica ou às diversas denominações cristãs ou, até mesmo, às demais religiões. Trata-se de um tema que toca toda humanidade neste começo de século. Como será o mundo pós-pandemia?

Já mencionamos que o debate tem sido rico e diverso: não sabemos se já há uma estatística a respeito, mas supomos que o número de *lives* transmitidas pelas plataformas digitais, que tratam o tema, possa atingir facilmente mais de cinco cifras. Também não podemos esquecer as publicações – sejam impressas ou no formato de ebooks¹ – que analisaram âmbitos da vida humana ao longo da quarentena e tentaram iluminar, sob as mais diversas perspectivas, o que será do mundo a partir do momento em que uma vacina contra a COVID-19 tenha sucesso e possa ser produzida em larga escala.

¹ Como exemplo, citamos apenas dois títulos que nos são mais próximos: SANTOS, B. S. *A cruel pedagogia do vírus*. 1ª Ed. Coimbra: Ed. Almedina, 2020; PASSOS, J. D. *O vírus vira mundo – em pequenas janelas da quarentena*. 1ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2020.

Entretanto, a pretensão de nosso texto é muito modesta: não queremos analisar esses diversos âmbitos da sociedade, da economia, da educação, das artes, da religião. Olharemos somente para a Igreja Católica durante a pandemia e nos perguntaremos o que ali aconteceu. O leitor atento já deve estar se questionando: somente? A Igreja Católica é suficientemente plural e diversa como para dizer que *olharemos somente* para ela. Isso é um fato: a Igreja é ampla, plural, diversa, ou seguindo o adjetivo que a qualifica, a Igreja é *católica*, isto é, universal.

Por essa razão, nossa intenção é, a partir da observação de alguns acontecimentos, nos perguntarmos pela *catolicidade* da Igreja Católica durante a pandemia. Nada menos, porém nada mais. O primeiro concílio de Constantinopla, celebrado nessa cidade no ano de 381, define que não se trata somente de um adjetivo, mas de uma nota de que define a Igreja: ela é *una, santa, católica e apostólica* (DH 150).

Ajudar-nos-á no caminho proposto a reflexão sobre essa nota da Igreja feita por H. Küng no seu livro *Die Kirche* de 1967² e por J. Moltmann em *Kirche in der Kraft des Geistes* de 1975³. Incorporaremos também a reflexão feita por J. Sobrino em seu livro *Ressurrección de la verdadera Iglesia – los pobres, lugar teológico de la Eclesiología* de 1981.

Antes de iniciarmos nossa reflexão, porém, gostaríamos de dar destaque a uma fala do Prof. L. Karnal em entrevista dada à rede televisiva CNN-Brasil, no dia 18 de abril de 2020: “O primeiro fator de uma epidemia, de uma guerra ou de uma revolução é acelerar processos que já estavam em curso. Essa é uma mudança irreversível.” O contexto no qual essa fala foi feita era o desafio do ensino remoto – muitas vezes, relutado por diversas instituições de ensino superior, que se viram, entretanto, obrigadas a assumir a modalidade rapidamente dada a quarentena e a impossibilidade das aulas presenciais.

Não obstante – e isso fica claro ao longo da entrevista do historiador –, a mesma ideia pode ser aplicada a crises e dificuldades: pandemias, guerras e revoluções não significam, em primeiro lugar, novas crises e dificuldades, elas poderão evidentemente aparecer posteriormente. Todavia, esses processos, que aceleram a história, aceleram também as crises ou, dito de uma forma mais explícita, esses processos escaram as crises que já estavam presentes e que por diversas razões permaneciam encobertas ou simplesmente não representavam uma ameaça às instituições, à sociedade, aos vários grupos humanos. Quando a rotina se vê radicalmente alterada por uma pandemia, como é o nosso caso, essas crises e dificuldades aparecem com mais clareza e mostram sua verdadeira gravidade.

² Para o efeito de citações, usaremos a tradução espanhola realizada pela Ed. Herder (Barcelona) em 1968.

³ Para o efeito de citações, usaremos a tradução espanhola realizada pela Ed. Sígueme (Salamanca) em 1977.

O que vimos na Igreja *Católica* ao longo da pandemia? Vimos muito, mas queremos nos restringir a dois acontecimentos muito marcantes: um homem que caminha só por uma praça vazia e os templos fechados.

1. Um homem que caminha só por uma praça vazia: a oração do Papa Francisco

No dia 27 de março de 2020, o Papa Francisco atravessou sozinho a Praça de São Pedro, em Roma, para rezar pelo fim da pandemia. A coleção de imagens que a memória humana guardará dos meses de quarentena são impactantes: profissionais da saúde, muitas vezes exaustos, se empenhando para a recuperação de enfermos; aquelas e aqueles que, depois de dias, senão semanas, puderam sair dos hospitais recuperados; aplausos nas sacadas dos prédios e varandas das casas para manifestar o apoio a todos os profissionais que estavam na linha de frente da luta contra o novo coronavírus. Contudo, a imagem de Francisco atravessando só a Praça de São Pedro, completamente esvaziada em uma fria tarde romana, pode ser uma das mais fortes dos últimos meses.

Um Papa, que já é conhecido por seus gestos simbólicos, enviou ao longo dos meses de pandemia uma clara mensagem ao mundo: mesmo respeitando todas as regras de distanciamento social impostas pelas autoridades sanitárias, a Igreja não fecha (POLITI, 2020). Em seus gestos, Francisco deixa transparecer uma certeza que ele afirmou em sua homilia depois da caminhada solitária pela Praça de São Pedro: "(...) muitos – mas muitos – outros que compreenderam que ninguém se salva sozinho." (FRANCISCO, 2020).

A Igreja não fecha não porque os templos permanecem abertos; ela não fecha porque a humanidade possui uma vocação à solidariedade que sobrepassa as limitações impostas pelo transcurso da história. Francisco não está pensando em uma *Igreja de pedras*, mas em uma *Igreja viva*, uma comunidade de mulheres e homens que partilham as mesmas "alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias" (GS 01) de toda a humanidade.

Francisco pensa na Igreja do Concílio Vaticano II, como já remarcou inúmeras vezes ao longo de seu Pontificado, e, naquela tarde de março, deixou transparecer isso novamente. No dia 31 de março, o Prof. M. Faggioli afirmou sobre o gesto do Papa: "no estilo de Francisco, havia toda a mensagem, e é o estilo do Concílio Vaticano II (1962-1965): a 'nobre simplicidade' que é enfatizada na constituição do Vaticano II sobre a liturgia." (FAGGIOLI, 2020).

Como já mencionamos, após sua caminhada solitária houve a leitura de um trecho do Evangelho segundo Marcos e uma reflexão. Vale a pena nos determos um pouco sobre as palavras do bispo de Roma. "À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda" (FRANCISCO, 2020). A comparação

entre a situação dos discípulos na barca em meio à tempestade e a humanidade em meio à pandemia era clara: "(...) todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos" (FRANCISCO, 2020).

Entretanto, Francisco não se fecha em uma leitura *espiritualista* do texto bíblico. Ele poderia ter restringido sua leitura à necessidade de confiança dos discípulos em Jesus e a urgência de que as católicas e os católicos renovassem essa mesma confiança. Ele até faz uma referência a isso: "De fato, uma vez invocado, [Jesus] salva os seus discípulos desalentados" (FRANCISCO, 2020).

Sua leitura, porém, é muito mais profunda e assertiva: "A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades." (FRANCISCO, 2020). A ideia coincide muito com que já apresentamos quando nos referimos à entrevista do Prof. L. Karnal: uma pandemia como a desencadeada pelo novo coronavírus destampa as crises que já estavam presentes, mas muitas vezes encobertas. Francisco continua:

A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de "empacotar" e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestésiar com hábitos aparentemente "salvadores", incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades. (FRANCISCO, 2020).

O que ficou "empacotado", como bem mostra o bispo de Roma é a pertença mútua, a pertença como irmãs e irmãos. Ele insiste que a imagem do *eu* simplesmente caiu. A "avidez pelo lucro" tornou a humanidade incapaz de ouvir os apelos das "guerras e injustiças planetárias", "o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo". Há, porém, um detalhe belíssimo nas palavras do Papa: *teu* apelo. Francisco estava dirigindo uma oração a Jesus, que se despertou na barca para salvar os discípulos da violência da tempestade, e não hesitou em mostrar que os apelos da história, especialmente dos que sofrem, são do próprio Jesus.

Não é novidade que o bispo de Roma chame a atenção para o *apelo*, o *clamor* dos pobres e do mundo (EG 187-192; LS 49); tampouco é novidade que esse *apelo*, esse *clamor* seja um chamado para a conversão, o que ele também ressaltou naquele fim de tarde romano. Contudo, se trata de uma conversão muito específica: a conversão a Jesus e a convicção de que "ninguém se salva sozinho" (FRANCISCO, 2020). São palavras muito bem escolhidas e carregadas de conotação simbólica, dada o momento que vivíamos: o fim da pandemia não se dará como resultado de uma oração mágica e poderosa; a humanidade será capaz de superar as dificuldades

“empacotadas” e, agora escancaradas pela pandemia, só quando se converter a Deus e a si mesma.

Não hesitamos em concordar que uma emergência, como a gerada pela disseminação do novo Coronavírus, exige uma conversão ao sofrimento alheio e, portanto, ao cuidado mútuo. Entretanto, Francisco indica que a raiz mais profunda do descaso com o outro, que infelizmente foi visto tantas vezes ao longo da pandemia, é a autossuficiência do ser humano hodierno. O grito dos discípulos que sucumbiam na barca é também o grito da humanidade que se percebeu em diversas ocasiões autossuficiente, mas que diante da força da doença estava amedrontada.

A conclusão de sua reflexão não pôde ser menos significativa: contemplar a cruz. Novamente, a reação espontânea é ver na cruz dor e sofrimento, mas o bispo de Roma ressalta a força paradoxal da cruz de Jesus: onde havia dor, há salvação; onde, condenação, redenção; onde, desespero, esperança. Francisco deixa claro que a verdadeira atitude cristã diante da enorme dificuldade que significa a pandemia não é outra que a atitude pascal. Trata-se, portanto, de uma mensagem que chega a todo o mundo, uma mensagem que revigora as forças de todas e todos os que se sentiam – e ainda se sentem – intimidados pela força da pandemia. Trata-se de uma verdadeira mensagem *católica*.

2. Os templos fechados

Fica muito claro na mensagem do Papa Francisco que a Igreja nunca fecha suas portas: onde há mulheres e homens que fazem presente o Reino, ali está o Evangelho e, portanto, a Igreja (EG 176; EN 06). Contudo, durante as semanas de quarentena mais estrita, os templos tiveram que fechar as suas portas. O que apresentaremos a seguir não pretende abarcar a totalidade dos casos, mas com os templos fechados o que se viu foi uma Igreja imatura, com poucas iniciativas e muito dependente dos ministros ordenados. Poderíamos, inclusive, chegar a afirmar que toda a força de renovação, que se vê nos gestos e nas palavras do bispo de Roma, não se faz presente nas fileiras mais numerosas e populares da Igreja.

O debate sobre a “virtualização da fé” não é recente. Em sua *live* de 14 de setembro⁴ passado, a Profa. Brenda Carranza indicou que desde a segunda metade da década de noventa do século passado a temática ocupa espaço na reflexão católica no Brasil. O que talvez a pandemia do novo Coronavírus tenha acelerado seja o *debut* de muitos ministros ordenados nos meios digitais. Com as portas dos templos fechadas, eles passaram muito tempo diante de *webcameras*, mesmo não tendo os mínimos recursos técnicos para *transmitir* celebrações.

⁴ Episódio quarto do ciclo de diálogos on-line de Teologia Pastoral realizado pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wcGltjtbIW8&t=63s>. Acesso em: 10. nov. 2020.

Poderíamos nos dar por contentes com a afirmação de que as celebrações, finalmente, foram para as plataformas digitais – a pandemia nos obrigou a isso! Entretanto, seria uma reflexão rasa: o que a virtualização das celebrações revela é uma situação grave que sobrevive nas paróquias e dioceses: o *clericalismo*.

O uso do verbo *transmitir* não é aleatório, como refletiu o Prof. Moisés Sbardelotto em sua *live* de 13 de julho passado⁵. Muitos ministros ordenados se contentaram com a *transmissão* de celebrações e muitos leigos e leigas chegaram até cobrar aqueles que não as *transmitiam*. Porém, uma celebração litúrgica pode ser *transmitida*, assim como um programa de televisão ou de internet? A *transmissão* supõe que há um emissor ativo e um receptor passivo ou, como comumente se diz, um espectador. As celebrações litúrgicas são performadas para espectadores?

A constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia do Concílio Vaticano II destaca que todos os fiéis participam ativamente na celebração (SC 11; 14-20; 26; 30; 41; 48; 79; 113; 121; 124). A liturgia é por excelência uma ação comunitária; mesmo que os fiéis estejam impossibilitados de estar fisicamente nos templos das celebrações, eles estão presentes de forma mediada (SBARDELOTTO, 2020). Se estão presentes, estão participando e não só assistindo uma *transmissão*.

Todavia, a proliferação de *transmissões* de celebrações litúrgicas durante a pandemia revelou a dependência que os fiéis têm dos ministros ordenados: as celebrações devem que ser *transmitidas* porque sem os ministros ordenados não há celebração. Essa conclusão mostra quão clericalizadas as comunidades católicas ainda são.

Essa dependência se extremou quando alguns grupos mais conservadores chegaram a exigir “a devolução da Eucaristia”, como se o sacramento pascal de Jesus Cristo fosse propriedade exclusiva dos ministros ordenados e, por condescendência deles, os demais fiéis poderiam ter acesso a ele⁶.

Na impossibilidade de participação física nas celebrações dos sacramentos, todos os fiéis podem celebrar frutuosamente em seus lares a Palavra, que também é presença de Jesus em sua Igreja. A Palavra não tem por que ser anunciada por um ministro ordenado, ela pode ser proclamada e celebrada por todos as batizadas e os batizados. A insistência na *transmissão* de celebrações revela a falta da animação bíblica que deve caracterizar tanto as pequenas comunidades, como as igrejas particulares; a Palavra – e não só os sacramentos – anima e fortalece a vida da Igreja (DGAE 2019-2023, 88-92; 145-159).

⁵ Episódio terceiro do ciclo de diálogos on-line de Teologia Pastoral realizado pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TjC1o1-62Bs&t=15s>. Acesso em: 10. nov. 2020.

⁶ REIS, D. *Campanha "Devolvam-nos a missa": novos coríntios, o mesmo erro*. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1442123/2020/05/a-campanha-devolva-no-a-missa-novos-corintios-o-mesmo-erro/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

A vida cristã não é só alimentada pelo Pão Eucarístico, ela também é nutrida pelo Pão da Palavra que pode ser partilhado em todos os lares e por todas as famílias. A “experiência doméstica da Igreja” durante a pandemia pode até ter sido uma realidade em algumas comunidades, mas o que infelizmente se viu foi a procura excessiva pela *transmissão* digital da fé clericalizada.

Por outro lado, com menos dinheiro circulando dada a redução da atividade econômica, os templos sentiram a diminuição de suas entradas: o dízimo despencou e os eventos pararam. O resultado imediato foi a paralisação de muitas obras, o corte de gastos desnecessários e, infelizmente em alguns casos, a demissão de colaboradoras e colaboradores.

O que isso nos revela? Sobretudo dois aspectos: o peso do patrimônio eclesial e a falta de estratégia pastoral. Não é de hoje que o patrimônio é um problema para as comunidades católicas. Quantas vezes uma comunidade se vê obrigada a manter um patrimônio custoso e acaba esgotando sua força e criatividade na promoção de eventos e meios para arrecadar recursos financeiros! Quantas paróquias têm seu calendário anual pautado só por festas e quermesses!

Não seria o momento repensar a caminhada dessas comunidades? Não é de hoje que se fala na conversão pastoral, mas com todo o peso do patrimônio essa conversão chegará a ser realidade? Sem verdadeira conversão pastoral, as comunidades eclesiais não desenvolverão uma estratégia pastoral para levar adiante a evangelização. Mas essa falta de estratégia pastoral se deve só ao peso da estrutura eclesial? E a estrutura eclesial?

Novamente nos orienta o Concílio Vaticano II, sobretudo a constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*. A estrutura eclesial fundamental é o Povo de Deus (LG II); mesmo que seja hierarquicamente ordenado (LG III), não deixa de ser povo. Todos os ministérios constituídos na Igreja estão orientados ao bem de todo o Povo. O primeiro desses ministérios é o episcopal (LG 20-23). Os *episcopos* são os sucessores daqueles que comeram e beberam com o Senhor Ressuscitado (At 10,41). Portanto, sua missão de testemunhar, santificar e pastorear tem como base a comunhão de vida com o Senhor que deu a vida pelo seu Povo santo (LG 24-27).

Os *presbíteros* e os *diáconos* devem entender seu ministério em comunhão com o *episcopo*, mas também como membros de um colégio que, unido, está a serviço do Povo (LG 28-29; PO 08). O que acontece quando a compreensão desses ministérios constituídos para o serviço o Povo é equivocada? Quando os *episcopos* se entendem somente como administradores de grandes paróquias chamadas de dioceses, e os *presbíteros* como “pequenos *episcopos*” de pequenas dioceses chamadas de paróquias?

A pastoral não pode ser reduzida à manutenção de templos e prédios e, menos ainda, à satisfação de gostos estéticos dos ministros ordenados. Talvez com isso até possamos desenvolver uma religiosidade estética, mas pouco evangélica. A pandemia do novo Coronavírus mostrou como as comunidades católicas estão presas a seu patrimônio, o que é um peso para a tão almejada conversão pastoral (EG 25-26). Ao mesmo tempo, o Povo não pode ser refém dos ministros ordenados e seus gostos e, menos ainda, ser povo clericalizado (FRANCISCO, 2016) que nada tem do Povo sacerdotal que Jesus oferece ao Pai (1Pd 2,9).

Não obstante, com os templos fechados e a ação dos ministros ordenados muito limitada, leigas e leigos não hesitaram em organizar redes de ajuda para mulheres e homens, crianças e idosos que já sofrem o impacto econômico da pandemia. O que isso nos mostra? Mesmo com os templos fechados, a Igreja não fechou: seu o braço livre, isto é, leigas e leigos se mostraram comprometidos com o Reino mediante a ação solidária.

Muitos ministros ordenados também estiveram envolvidos no trabalho de arrecadação e distribuição de cestas básicas e material de higiene para os mais pobres e necessitados, mas foram as leigas e os leigos que assumiram essa frente de trabalho. A liberdade de ação dentro das comunidades católicas é essencial. Essa liberdade não pode se restringir somente a ação *ad extra*; é primordial que as leigas e os leigos comprometidos gozem de liberdade para também atuarem *ad intra ecclesiam*.

Por outro lado, a sensibilidade diante do sofrimento alheio não pode ser vista somente em momentos críticos como aconteceu durante a pandemia. Não seria hora de aproveitar essa liberdade de ação, esse compromisso com os mais necessitados e transformar tudo isso em decisão não só preferencial, mas fundamental pelos pobres? Afinal de contas, o Reino é deles (Mt 5,3), Jesus foi ungido pelo Espírito para anunciar a Boa Nova a eles (Lc 4,18).

Seria uma perda enorme que a ação solidária despertada pela pandemia fosse só mais uma "obra de caridade". Toda essa sensibilização diante da miséria, da fome e da necessidade imediata dos mais vulneráveis é uma oportunidade para que toda a Igreja *católica* recupere sua decisão pelo pobre como o magistério eclesial latino-americano proclamou, profeticamente, em Medellín (Pobreza da Igreja, 8) e Puebla (733-735).

3. A *catolicidade* da Igreja

A *catolicidade* da Igreja é uma problemática que pode ser pensada a partir de diversas perspectivas: a relação entre as diversas *igrejas locais* e a *Igreja universal*, perspectiva principal da reflexão de H. Küng, em seu livro *Die Kirche* de 1967. Por outro lado, a reflexão também se orienta ao modo como se dá a relação entre a *pluralidade de comunidades eclesiais* e

a Igreja e a *pluralidade da comunidade humana* e a Igreja, como indica J. Moltmann, em seu livro *Kirche in der Kraft des Geistes* de 1975. J. Sobrino, em seu livro *Resurrección de la verdadera Iglesia* de 1981, assume ambas as perspectivas dos autores alemães e as reorienta para uma reflexão sobre a *catolicidade* da *Igreja dos pobres*, sobretudo como vem sendo vivenciada na América Latina.

H. Küng chama a atenção que o Novo Testamento usa somente uma única vez a palavra *católico* (do advérbio grego *kath'holón* e do adjetivo tardio *katholikós*) com o sentido de "em absoluto", "inteiramente" (At 4,18); contudo, a palavra não se refere à Igreja. Para melhor compreendê-la e evitar circunstâncias que se prestaram a confusões, inclusive pelo fato de não ser uma palavra neotestamentária, o autor alemão identificará seu primeiro uso relacionado à Igreja nos escritos de Inácio de Antioquia (± 35-110). Trata-se de um uso polêmico que contrapõe a *Igreja inteira* às *Igrejas episcopais*; esse uso se estende a escritos de outros autores da Patrística, como nos de Policarpo de Esmirna (KÜNG, 1968, p. 355-356).

Em meio às disputas trinitárias e cristológicas do século III, a palavra *católica* foi usada pelo I Concílio de Constantinopla para designar uma das notas essenciais da Igreja (DH 150). Nesse contexto, porém, adquire uma conotação técnica, isto é, *católica* é a Igreja que não se separou da *Igreja universal*. A verdadeira Igreja é a *católica, universal* e ortodoxa, que é entendida em oposição às igrejas heréticas e cismáticas (KÜNG, 1968, p. 357).

O uso definitivo da palavra *católica* para se referir à Igreja se deu com o giro teodosiano que elevou a *Ecclesia catholica* à categoria de única Igreja do Império. Com isso, *catolicidade* e ortodoxia passam a ser defendidas por lei e heresia e cisma, por outro lado, condenadas como crime contra o Estado. O autor católico alemão indica que esse giro, que foi ratificado pelo *Codex iuris romani* de Justiniano e expandido pelo Sacro Império Romano Germânico, ampliou a noção de *catolicidade* para limites fora da Eclesiologia: a *catolicidade* inclui perspectivas geográficas, numéricas e temporais-culturais (KÜNG, 1968, p. 357).

Contudo, a Reforma Protestante coloca em dúvida essa noção da *catolicidade*. Ainda que Lutero tenha se oposto fortemente ao uso da palavra *católica* para designar a Igreja, os reformadores, sim, queriam pertencer à Igreja *católica*, não entendida a partir da polêmica em torno à ortodoxia, nem a partir das perspectivas jurídicas, territoriais, numéricas ou temporais-culturais: a *catolicidade* foi entendida como continuidade da fé evangélica. Não obstante, os polemistas católicos recorreram às perspectivas mencionadas com uma clara intenção apologética para diferenciar a *Ecclesia catholica*, que foi assumida pela Império na Antiguidade, que mais se difundiu pelo mundo e tem o maior número de fiéis, além de ter mantido a ortodoxia doutrina por todos tempos e em todas as culturas, das comunidades eclesiais surgidas no século XVI. (KÜNG, 1968, p. 358-359).

Depois de introduzir o uso histórico da palavra *católica*, H. Küng alemão seguirá a pista do ecumenismo e afirmará que a pluralidade das comunidades eclesiais não nega a universalidade da Igreja, pelo contrário essa universalidade se realiza na pluralidade sociocultural das igrejas. Nessa perspectiva, se pode entender a relação entre as *igrejas locais* e a *Igreja universal*: a *universalidade* não é negada na realidade local, pelo contrário a *universalidade* se realiza – se atualiza, mais precisamente – na diversidade local.

[...] Estas igrejas locais só são igrejas locais enquanto são manifestação, realização e representação da Igreja *inteira* única, universal e total. Ainda que a igreja local seja *inteiramente* Igreja não é, entretanto, a Igreja *inteira*. A Igreja inteira são só *todas* as igrejas locais e não por adição e associação exterior, mas porque estão interiormente unidas no mesmo Deus, no mesmo Senhor e no mesmo Espírito pelo mesmo Evangelho, o mesmo Batismo e Eucaristia e a mesma fé. A Igreja universal é a Igreja manifestada, presente e realizada nas igrejas locais. (KÜNG, 1968, p. 359).

Chama a atenção, entretanto, o fato de que H. Küng insiste que a *universalidade* da Igreja não está relacionada à sua extensão geográfica, nem ao seu número de membros. Não é porque a Igreja seja internacional e conte com muitos membros nas mais diversas latitudes que ela é universal. O contrário, não obstante, pode sim ser verdadeiro: uma pequena extensão geográfica e a escassez de membros não pode ser argumento válido para a negação da *universalidade* da Igreja (KÜNG, 1968, p. 360). A intenção principal do autor é rechaçar a tentação do narcisismo eclesiástico (KÜNG, 1968, p. 361), que falseia a identidade mais própria e profunda da Igreja.

A origem da *universalidade* da Igreja está em sua própria identidade, isto é, o fato de ter uma mensagem destinada a todos os povos. “A Igreja não existe nunca simplesmente para si mesma; desde suas origens vive para os demais, para a humanidade, para o mundo. Lembremos aqui que já a mensagem de Jesus mesmo era [...] universal” (KÜNG, 1968, p. 362). A Igreja, portanto, está para a toda a terra habitada, para toda a *ecumene*; isso permite a H. Küng estabelecer a relação íntima entre os termos *católico* e *ecumênico* e afirmar, a modo de conclusão, que a *catolicidade* da Igreja tem como fundamento sua identidade e sua *universalidade* (KÜNG, 1968, p. 363).

J. Moltmann assume parte da argumentação de H. Küng: *catolicidade* é um conceito que relação direta com *unidade* da Igreja, sua *unidade* indica uma *catolicidade* intensiva, enquanto sua *catolicidade*, uma *unidade* extensiva (MOLTMANN, 1977, p. 405). Contudo, o autor evangélico alemão destaca que a *catolicidade* da Igreja também deve ser compreendida em sua relação com o mundo, que tem como paradigma a relação do próprio

Jesus Cristo com o mundo; sua compreensão da *catolicidade* está decisivamente marcada pela missão da Igreja no mundo.

Totalmente relativa a Cristo, ela [a Igreja] é relativa à totalidade do mundo para cuja reconciliação foi Cristo entregue por Deus e para cuja libertação e unificação lhe foi dado todo o poder no céu e na terra (Ef 1,20s). [...] Por isso, são necessárias aqui algumas distinções teológicas. A Igreja é universal e está referida à totalidade não por si mesma, mas somente em e através de Cristo. (MOLTMANN, 1977, p. 405).

A Igreja é *católica* em sua missão cujos destinatários são as mulheres e os homens que não pertencem às suas fileiras. Todas as dimensões da humanidade devem estar submetidas à soberania de Cristo; a Igreja, portanto, está em função do Reino vindouro e não de si mesma (MOLTMANN, 1977, p. 406). A esperança no Reino, que há de vir, não permite à Igreja abandonar ninguém, nem mesmo o menor fragmento da Criação; a meta da missão da Igreja é *universal*.

O autor, portanto, além de estabelecer uma relação entre *identidade* e *universalidade*, como já tinha refletido H. Küng, também pensa essa *universalidade*, essa *catolicidade* na perspectiva escatológica. Até mais, a plena *catolicidade* da Igreja se manifestará somente no *eschaton*, quando as imperfeições e limitações das igrejas locais forem superadas e assumidas em uma única Igreja total (MOLTMANN, 1977, p. 406). Contudo, o caminho à realização plena não exclui o apostolado da Igreja, pelo contrário, ao peregrinar a Igreja anuncia a todas e a todos que o Reino está próximo e, portanto, é hora de conversão, hora de superar as divisões e barreiras internas da humanidade; é hora de superar toda afirmação de si mesmo e rebaixamento dos demais (MOLTMANN, 1977, p. 408).

Seria um grande equívoco entender que a *catolicidade* da Igreja a inclina a estar à margem dos conflitos que dividem os seres humanos. "Ser de todos" não significa se restringir somente ao serviço religioso ou se apresentar como uma "terceira via" que permite a convivência pacífica de uns com os outros. Ao mesmo tempo, ainda que esteja a inclinação à conciliação e à paz, não se pode esperar da Igreja *católica* uma postura neutra, uma postura *apartidária* (MOLTMANN, 1977, p. 408).

Para superar as barreiras internas da humanidade é preciso *tomar partido*, isto é, estar a favor dos pobres e humildes, como o próprio Deus (Lc 1,51s); os ricos e poderosos estão sob o seu juízo. Não se trata de uma parcialidade que destrói o universalismo cristão, nem desmente o amor salvador de Deus. É uma parcialidade que concretiza tanto um como outro; trata-se do amor histórico de Deus pela humanidade pobre. Esse *tomar partido* não exclui, pelo contrário, estar a favor dos pobres e humildes, estar a favor dos oprimidos significa querer também a salvação dos ricos e opressores.

Assim, o universalismo cristão, nas situações de conflito se realizará mediante essa tomada de partido; de outro modo, correria o perigo de se converter em abstrato e de destruir a própria comunidade. Mas ao contrário, toda tomada de posição nesses conflitos de poder perde sua legitimação cristã quando abandona a meta universal. A Igreja ainda não é a glória de Deus, mas o caminho e movimento histórico que conduzirá toda carne *unida* à contemplação da glória de Deus. (MOLTMANN, 1977, p. 409).

Essa noção de uma *catolicidade* histórica impregnará o pensamento de teólogos latino-americanos da Libertação, como veremos em J. Sobrino. O autor une as perspectivas dos dois autores alemães, ainda que dê mais destaque à reflexão de J. Moltmann e veja a *catolicidade* realizada na *Igreja dos pobres*. A *universalidade* da Igreja se manifesta no fato de que ela vai ao encontro da dispersão da totalidade, busca o que está perdido e é desvalorizado (SOBRINO, 1981, p. 127).

Por outro lado, como afirma o autor espanhol radicado em El Salvador, também se fala de uma Igreja local na América Latina. Contudo, a expressão *Igreja latino-americana* não se deve a concepções culturais diversas e, menos ainda, à existência de heresia ou cisma. É possível falar de uma Igreja local latino-americana pelo seu compromisso histórico e pela releitura da Igreja como *Igreja dos pobres*.

Essa Igreja local tem como ponto de partida, lógico e cronológico, a irrupção dos pobres (SOBRINO, 1981, p. 128). Precisamente por isso, a *Igreja latino-americana* pôde desenvolver sua religiosidade própria, a religiosidade popular que sempre procura novas formas de expressão do anseio de libertação. Também elaborou uma reflexão própria, a Teologia da Libertação, que proclama a libertação histórica contra o cativo da opressão. (SOBRINO, 1981, p. 128). Vale ressaltar com J. Sobrino que são os pobres – não os pastores, nem os teólogos – os responsáveis pela originalidade e criatividade da *Igreja latino-americana*.

Não se pode deixar de mencionar, ainda, que a Igreja local latino-americana desenvolveu seu próprio magistério. Mesmo que as vozes episcopais sejam várias e não poucas vezes dissonantes, o episcopado latino-americano não se afasta da vida dos mais pobres, os prediletos de Deus. Não deixando de lado as demais, mas destacando especialmente a Conferência de Medellín, é preciso afirmar que a causalidade principal para que ocorresse e, portanto, se desencadeasse a formação de magistério local são os pobres (SOBRINO, 1981, p. 129).

A partir dos pobres, a Igreja local latino-americana compreende a *catolicidade* e *universalidade* da Igreja. Dessa forma, a palavra *católica* ganha nova compreensão: o que se lê na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja do Concílio Vaticano II, “a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento ou sinal e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 01), adquiriu historicidade na *Igreja latino-americana*. A unidade de todo o gênero humano significa a

participação em toda a realidade humana, sobretudo na realidade humana do pobre (SOBRINO, 1981, p. 130).

Essa participação não é restrição da compreensão do *totus* da humanidade, mas concretização histórica e, por ela, é possível pensar em uma *unidade* ecumênica e ecológica. Na *Igreja dos pobres*, portanto, a *catolicidade* e a *universalidade* da Igreja se redefinem e aparecem com clareza como serviço aos pobres. A nota *católica* não é entendida desde cima, mas desde baixo.

Conclusão

Retomando a ideia anteriormente apresentada: a pandemia do novo Coronavírus não representa, em primeiro lugar, uma nova crise para a humanidade, mas mostra o tamanho da crise na qual a humanidade toda estava – e ainda está – submersa. Essa crise, como o Papa Francisco ressalta, pode ser vista no descaso com os mais vulneráveis e com o planeta. Sua oração naquela fria tarde romana explicitou claramente isso: a humanidade está em crise porque já não está atenta aos clamores dos pobres e do planeta (FRANCISCO, 2020).

É missão da Igreja, portanto, ouvir esse clamor, como tem feito o bispo de Roma, e amplificá-lo para que ressoe nos ouvidos e corações das mulheres e dos homens deste começo de século. Não se trata somente de repetir esse clamor, mas torná-lo próprio; o clamor dos pobres é o clamor da Igreja.

Essa atitude marca o Pontificado de Francisco desde sua eleição em março de 2013. A escolha de seu nome, uma referência direta ao santo de Assis que viveu a pobreza como caminho de seguimento de Jesus Cristo, mostra que aquelas e aqueles que são despossuídos de bens materiais estão no centro da missão da Igreja. Portanto, Francisco em suas palavras e gestos manifesta a *catolicidade* de uma Igreja pobre e dos pobres, inclusive em sua caminhada solitária pela Praça de São Pedro.

Por outro lado, nos chama a atenção que as palavras e gestos de Francisco não são uma unanimidade nas diversas latitudes da Igreja, que muitas vezes está mais orientada a si mesma que à missão de anunciar a boa-nova do Reino. A pandemia do novo Coronavírus infelizmente mostrou comunidades clericalizadas, centradas em uma liturgia pouco participativa e exageradamente ocupadas com a manutenção de seu patrimônio. Vemos mais uma *Igreja da conservação*, que uma *Igreja da missão*, uma *Igreja clericalizada* que uma *Igreja Povo*, portanto mais uma *Igreja particular* – e por que não particularista? – que uma *Igreja universal*.

Em momentos de conflito, como muito bem ressaltam J. Moltmann e J. Sobrino, a nota *católica* da Igreja se revela por sua tomada de partido por aquelas e aqueles que são esquecidos, abandonados e, muitas vezes,

invisíveis aos olhos dos poderosos. A disseminação do vírus começou entre aqueles que possuem condições para viajar, seja a trabalho ou lazer, aqueles que estão no topo da pirâmide social; hoje, contudo, o vírus se dissemina mais rapidamente entre aquelas e aqueles que pouco ou nada têm.

A Igreja *católica* seguindo o exemplo do bispo de Roma *toma partido* por elas e eles. Estar a seu lado não significa só estar com Cristo sofredor, cujas dores queremos aliviar, mas também denunciar a injustiça que lhe causa dor, denunciar a causa dramática de suas feridas (SOBRINO, 1996, p. 368-390). A pandemia e o pós-pandemia se tornam, portanto, tempo favorável – *kairós* – para a Igreja *católica*, porque pode, nas dores e na injustiça, renovar sua universalidade e o desejo de que no mundo as injustiças sejam todas superadas.

Referências

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. 2ª Ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellín*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1998.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões: Puebla*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1979.

CONSTITUIÇÃO Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja do Concílio Vaticano II, 1965. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 10. nov. 2020.

CONSTITUIÇÃO Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual do Concílio Vaticano II, 1964. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 10. nov. 2020.

DECRETO *Presbyterorum ordinis* sobre o ministério e a vida dos sacerdotes do Concílio Vaticano II, 1965. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 10. nov. 2020.

DENZINGER, H., HÜNERMANN, P., *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Paulinas e Ed. Loyola, 2005.

FAGGIOLI, M. *Uma bênção "Urbi et orbe" incomum: a liturgia em tempos de pandemia*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597687-uma-bencao-urbi-et-orbi-incomum-a-liturgia-em-tempos-de-pandemia-artigo-de-massimo-faggioli>. Acesso em: 10. nov. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet*. Carta de 19 de março de 2016. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html. Acesso em: 10. nov. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Laudato si'*, 2015. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 10. nov. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, 2013. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 10. nov. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia*. Homilia na Praça de São Pedro em 27 de março de 2020. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html. Acesso em: 10. nov. 2020.

KARNAL, L. *O mundo pós-pandemia com Leandro Karnal – Relações pessoais*. São Paulo: CNN-Brasil, 2020. Entrevista concedida a Daniela Lima, Mari Palma, Gabriela Prioli e Thaís Herédia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pDMAfc1ya1M&t=59s>. Acesso em: 10. nov. 2020.

KÜNG, H. *La Iglesia*. 1ª Ed. Barcelona: Ed. Herder, 1968.

MOLTMANN, J. *La Iglesia, fuerza del Espíritu. Hacia una eclesiología mesiánica*. 1ª Ed. Salamanca: Ed. Sígueme, 1977.

PAULO VI, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*, 1975. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 10. nov. 2020.

POLITI, M. *Coronavirus, il gesto de Francesco segna la sua distanza siderale dall' irresponsabile Trump*. Disponível em:

<https://www.ilfattoquotidiano.it/2020/03/16/coronavirus-il-gesto-di-francesco-segna-la-sua-distanza-siderale-dallirresponsabile-trump/5738675/>. Acesso em: 10. nov. 2020.

SBARDELOTT, M. *A (re)descoberta eclesial do ambiente digital: entre luzes e sombras*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597585-a-re-descoberta-eclesial-do-ambiente-digital>. Acesso em: 10. nov. 2020.

SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. 2ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

SOBRINO, J. *Resurrección de la verdadera Iglesia. Los pobres, lugar teológico de la Eclesiología*. 1ª Ed. Santander: Ed. Sal Terrae, 1981.